

**Entre Pêcheux e Jakobson: algumas considerações sobre o papel da significação
saussuriana nas ciências da linguagem**

**Between Pêcheux and Jakobson: some considerations about saussurian
signification role in language science**

Denise Machado PINTO¹

Resumo: Neste trabalho, pretendemos apresentar um breve panorama acerca da noção de valor saussuriano, para assim, tomá-lo como ponto de partida ao pensar o papel da significação da linguagem tanto em Pêcheux como em Jakobson. Consideramos, portanto, que tanto para Pêcheux desenvolver a Análise de Discurso francesa, como Jakobson, a semiótica russa jakobiana ou ainda a Linguística da Comunicação, foi importante, não apenas a abertura na noção de valor saussuriano, mas também os constantes diálogos com questões outras as quais foram constitutivas das respectivas teorias: questões relativas à semiótica nos estudos desenvolvidos por Jakobson e questões ideológicas nos estudos de Pêcheux. Dessa forma, nossas reflexões objetivam apresentar alguns pontos que levam tais teóricos a fundarem gestos próprios ao pensarem acerca da exterioridade constitutiva da linguagem, para desta forma contribuir para o desenvolvimento da ciência linguística.

Palavras-chave: Pêcheux, Jakobson, valor linguístico, significação, linguagem.

Abstract: This essay intends to present a brief overview about Saussurian notion of value in order to take it as a starting point to think about the signification role both in Pêcheux and Jakobson. We therefore believe that as Pêcheux develop the French Discourse Analysis, as Jakobson, the Russian semiotics jakobiana or Linguistic Communication was important, not just the opening in the Saussurean idea of value, but also the continuous dialogues with other theories which were constitutive of their theories: issues relating to semiotics, studies performed by Jakobson and ideological issues in studies of Pêcheux. Thereby, our reflections, intend to present some points that made such theorists to found their own gestures to think about constituent externality of language, to thereby contribute to the development of linguistic science.

¹ Bolsista CAPES e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). CEP 97105-900, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: dnisemachado@gmail.com.

Key- words: Pêcheux, Jakobson, linguistic value, signification, language.

1. Introdução

Neste trabalho, pretendemos traçar um breve percurso que reflita sobre o papel da significação na e pela linguagem, tomando as teorias desenvolvidas por Michel Pêcheux e Roman Jakobson. Para tanto, resolvemos delimitar nossos caminhos pensando a noção de valor saussuriano como ponto de partida para que se estabeleçam diálogos entre o leste e oeste europeu, a partir dos contatos, afetos interdisciplinares e contribuições teóricas feitas a partir de Althusser em relação a Pêcheux e de Pierce em relação a Jakobson. É neste sentido, com a noção de valor revisada e ampliada, que pensamos a semiótica, em Jakobson, e a ideologia, em Pêcheux, como constitutivas da noção de linguagem e decisivas para se pensar as teorias de ambos teóricos da linguagem. Tais contatos com outras áreas são considerados, aqui, como gestos de posicionamento frente à significação saussuriana, assim como um avanço teórico na noção de língua proposta por Saussure, sem deixar de reconhecer neste um gesto fundador da linguística enquanto ciência.

Para estabelecer tais diálogos, faz-se necessário retomar a importância fundante de Saussure para o fazer científico no campo das linguagens, assim como a sua necessidade de definir seu objeto e sua abordagem metodológica, algo que suscita, ainda hoje, inúmeras críticas pela exclusão da significação na linguagem. Nesta contramão de críticas embasadas, a nosso ver, em leituras em Saussure feitas com vistas a didatizar uma teoria bastante complexa, acreditamos que é na noção de valor, posta tanto no *Curso de Linguística Geral* (doravante *CLG*) e como nos *Escritos de Linguística Geral* (doravante *ELG*) que se colocam algumas questões fundantes para pensar o sentido (significação) nas distintas correntes teóricas que se desenvolveram após os anos 60.

É necessário determinar também que nosso corpus de pesquisa saussuriano abrange tanto o *CLG* como os *ELG*, ambos constitutivos de sentidos múltiplos. Dividi-los significa para nós fragmentar o balanço que visamos realizar acerca da noção de valor. Tomamos importante, então, a divisão apontada por Fiorin et. al. (2013) sobre a existência de um corpus saussuriano e um corpus de pesquisa, ambos pensados a partir de denominações que estabelecem um princípio ético para fazer pesquisa em Saussure. Não podemos ser ingênuos de não sabermos que “o corpus saussuriano é um conjunto

de documentos constituído por fontes de natureza heterogênea cuja existência não parece ser negada por nenhuma das partes que integram a arena da polêmica” (FIORIN et. al., 2013, p.16). Dessa forma, não queremos negar as contradições postas em Saussure e o seu lugar de fundador da linguística, ocupado basicamente a partir do *CLG* (obra não escrita por ele), mas também gostaríamos de confrontar-nos com desconfortos teóricos após as descobertas dos *ELG*. Sabemos que há funcionamentos distintos e não podemos tomar os *ELG* como uma evolução do *CLG*, ou ainda, como sendo mais “verdadeiro”. Falando assim, estaríamos negando, como já afirmado, a incontornável presença primeira do *CLG* para se pensar as ciências da linguagem na atualidade.

O que permanece, para nós, quando pensamos o corpus saussuriano como um todo, é um estudo não apenas a partir de suas dicotomias, mas sim, a partir do seu corte metodológico e a sua importância fundadora no campo dos estudos da linguagem. Pensamos a ampliação da noção de valor linguístico e de sistema como uma forma de estudar Saussure de maneira mais crítica e científica. Sendo o valor social e de consciência coletiva, a significação ocuparia a ordem do simbólico e do imaginário: ambos os conceitos não são interesses metodológicos de Saussure, mas já estão postos de alguma maneira em seus trabalhos.

2. Saussure e o valor linguístico

Para pensar a significação na linguagem, parece-nos necessário retomar as condições de produção em que Saussure estava inserido quando começou a ministrar o I Curso de Linguística Geral, na Universidade de Genebra. No começo de suas pesquisas, Saussure encontrava-se em um momento de busca por uma língua universal, em que se privilegiavam os olhares biológicos para as questões sobre a evolução da linguagem, como também pesquisas realizadas a partir de estudos comparativistas.

De acordo com Altman:

Mais da metade deste primeiro curso foi dedicada ao estudo da mudança linguística e à descrição e história da família linguística indo-europeia, embora já se possam antever vários dos termos e temas que o século XX associaria definitivamente a Saussure: alguns deles presentes em trabalhos anteriores, como sistema, signo e valor [...]. (ALTMAN, 2013, p.22).

Saussure encontra-se, então, em um cenário comparativista marcado pelo momento científico da época, contrariamente ao que se evidencia na realização do primeiro curso, no qual já aparecem as noções de língua como um sistema de signos e de valor linguístico. A partir de Altman (2013), percebemos, também, que a própria organização do Curso, tal qual foi compilada por Charles Bally (1865 - 1947) e Albert Sechehaye, a partir de apontamentos de alunos que assistiram os cursos ministrados entre os anos 1907 e 1911, é uma escolha, visto que as três edições dos cursos são desiguais, fato decorrente de um visível amadurecimento de Saussure quando ministra os cursos.

É neste sentido que tomamos a polêmica publicação do *Curso de Linguística Geral*, o qual funda o momento em que a “ciência que se constitui em torno dos fatos da língua” (SAUSSURE, p. 39), fato que determina que linguística, para Saussure, ocupar-se-ia de questões da língua, e não da fala. E para além de estabelecer diversas dicotomias, entre elas, a divisão diacrônica e a sincrônica, uma das grandes contribuições de Ferdinand de Saussure, acreditamos que foi justamente com o abandono das questões tão discutidas pelos gramáticos da época que visavam à busca pela origem das línguas a partir da comparação das línguas indo-europeias, que o “mestre genebrino” avança nas questões da linguagem.

Tomando a noção de valor no *CLG*, percebemos que esta é amplamente discutida no quarto capítulo: na afirmação de ser o sistema linguístico um confronto de ideias e sons, o valor determinaria que não há convencionalidade entre som (imagem acústica) e conceito, ou ainda entre significante e significado. Não há, no curso, aceitação de significação e valor como sinônimas; o valor é tomado sob vários aspectos: a parte conceitual, o valor como elemento de significação e em relação com outros valores para que se estabeleçam diferenças; a parte na material, designando que é a partir das diferenças fônicas que as palavras se distinguem e na sua totalidade, espécie de conclusão acerca do caráter negativo do valor e sua relação com a significação na língua. No entanto, como afirma Bouquet (2009, p.172), o *CLG* “não dá a definição global do conceito de “valor””, enfocando e direcionando para a discussão acerca do funcionamento das ideias em relação aos sons, ou seja, sendo apenas apontada a ideia de valor *in absentia*.

Ainda no CLG, encontramos a afirmação de que não existem apenas signos na linguística, mas significações. No entanto, essas significações estariam sempre postas em relação aos signos, não existindo fora deles: “elas existem, talvez, exteriormente ao *domínio linguístico*; é uma questão muito duvidosa, a ser examinada, em todo caso, por outros que não o linguista” (SAUSSURE, 2012, p. 67). Neste momento, o CLG deixa suspensa a questão da exterioridade linguística, concebendo esta responsabilidade de pensar o sistema linguístico em relação aos sujeitos e a constituição sócio-histórica a outros domínios do conhecimento.

Já com a existência dos manuscritos de Saussure, além das reflexões realizadas por Bouquet (2009) sobre o caráter apócrifo do *CLG*, cheio de confusões terminológicas, colocamo-nos frente novo paradigma que apresenta produções de sentidos distintos para a forma de tratar significação – sentido – forma, forma-sentido em ambas as publicações. A partir dos *ELG*, notamos também que o “Saussure do Curso” não exclui a fala por não acreditar ser importante, mas opta por um corte epistemológico que dê conta do que seria língua, para ele, até o momento. Nos manuscritos há um reconhecimento de que o valor, em detrimento de sentido, significação, função ou emprego, expressa melhor a “essência” da língua tal como definiu o autor.

A noção de valor estaria intrinsecamente ligada à questão da diferença constitutiva do sistema, seja entre as próprias formas, como entre os diferentes sujeitos: “as formas *valem* em virtude de sua diferença recíproca e material, e aquilo que elas *valem* em virtude do sentido que nós atribuímos a essas diferenças. É uma disputa de palavras” (SAUSSURE, 2004, p. 30). Com o que chamamos de abertura conceitual exposta nos *ELG*, a noção valor linguístico pode ser observada como ponto de partida para que se desenvolvam inúmeras correntes teóricas. Seria, então, a partir desse legado saussuriano, que ultrapassa a dicotomia língua/fala, que são tomadas a exterioridade constitutiva da linguagem. Bouquet (2009) vai mais longe, afirmando que no CLG a noção de valor é “deformada” e que deve ser obrigatoriamente revisada a partir dos *ELG* que revelam que na forma como é apresentada no CLG, a “ciência se sustenta numa definição transversal de seu objeto: este se sobressai exclusivamente de uma análise semiótica diferencial, podendo e devendo se expressar na forma de uma álgebra de valores puramente negativos” (BOUQUET, 2009, p. 174).

No entanto, cabe reforçar que os ELG, inconclusos e não escritos para serem publicados, não avançam em certas discussões, logo, como já afirmamos, não podem ser comparados de maneira igual ao CLG. Ambos, CLG e ELG, formam uma heterogeneidade constitutiva da história da constituição da linguística enquanto ciência, e assim produzem efeitos de sentidos sobre valor que ora se divergem, ora se aproximam.

3. Jakobson e uma semiótica russa

Vastas são as publicações de Jakobson sobre as questões da semiótica e sua história. As condições de produção e o seu trabalho em círculos linguísticos, estabelecendo diálogos determinantes para desenvolver suas teorias, foram determinantes para repensar questões sobre a significação. Inicialmente, Jakobson pensou os fatos da linguagem como fatos sociais, mas logo ampliou seu interesse pensando acerca da literatura, cultura popular (folclore), cinema, dos sons (fonética/fonologia), das funções da linguagem, entre outros estudos (SCHNAIDERMAN, 1979).

Não entraremos nessas questões dos múltiplos interesses de Jakobson e seus diálogos durante os círculos de que participou desde sua juventude, cabe-nos, aqui, resgatar alguns pontos importantes sobre a significação, suas releituras saussurianas e o seu contato profícuo com Peirce a fim de desenvolver de suas pesquisas. Neste sentido, temos uma crítica importante do autor em relação aos estudos saussurianos, além de seu interesse pelos estudos em semiótica:

La contribución de Ferdinand de Saussure al progreso de los estudios semióticos es evidentemente más modesta y más restringida. Su actitud frente a la science des signes, y el nombre de sémiologie (o esporádicamente signologie, cf. 1974; 47ss.) que le impuso inmediatamente, se mantiene, al parecer, enteramente fuera de la corriente creada por hombres tales como Locke, Lambert, Bolzano, Peirce y Husserl. (JAKOBSON, 1980, p. 17).

Acreditamos que a partir da teoria semiótica, Jakobson propõe-se “analisar o problema do lugar da língua na cultura e de sua significação no conjunto dos outros sistemas de signos” (JAKOBSON; POMORSKA, 1985, p. 148). Neste ponto, já temos o seu posicionamento de que a linguística deve estar incluída no âmbito das problemáticas culturais e sociopolíticas mais amplas, estabelecendo um diálogo

interessante com a noção de cultura, além da relação com a exterioridade que se dá através de outros signos. Assim, o autor toma a língua em uma múltipla relação criadora (dimensão artística) com outros sistemas de signos: fato determinante para trabalhar a relação do valor linguístico em suas obras.

Foi a partir da importância e do fascínio em desenvolver pesquisas acerca das relações entre o tempo na linguística e os signos literários que Jakobson, reconhece que Pierce como “o extraordinário pensador americano, aproximou-se da questão talvez mais essencial e fecunda da linguagem e do tempo” (JAKOBSON; POMORSKA, 1985, p. 59). Concordamos que Pierce foi um teórico de grande influência no que toca a percepção dos estudos sobre o signo, tanto na dimensão da língua quanto da arte e influenciou Jakobson a pensar em três categorias de signos (ícone, índice e símbolo), além das questões do tempo e o marcado e não marcado na linguística.

Curiosamente, para teorizar a significação, Jakobson retoma as noções de significado e significante propostas por Saussure, ampliando para os fenômenos metafóricos e metonímicos. A questão da significação e a noção de valor para ele é recuperada de maneira geral com preocupação em torno dos signos, quando envolvem a relação entre suas qualidades materiais (forma) e suas qualidades ideacionais (significação). Com efeito, parece ser nesse sentido que o Jakobson retoma o aspecto significante e significado do signo nas suas releituras saussurianas, não abandonando a noção de língua como sistema, mas ampliando-a ao pensar a linguagem em todos os seus aspectos, sem jamais estabelecer dicotomias entre língua e fala.

Em resumo, a noção de significação para o autor não considera o sujeito e o contexto sócio-histórico, apenas o contexto, mas já considera o sentido posto no coletivo através dos modos de arranjo da seleção e combinação do signo e através dos sentidos diferenciados no sistema e na estrutura da língua:

O exemplo eloquente do supremo papel da língua em sua múltipla relação criadora com os outros sistemas de signos, dá-nos uma lição de semiótica geral. Tudo isso convidava-nos a incluir a linguística no conjunto dos problemas culturais e sócio-políticos mais amplos. (JAKOBSON; POMORSKA, 1985, p. 150-151).

Portanto, Jakobson como leitor de Saussure repensa a questão dos eixos paradigmáticos e sintagmáticos, além da questão da arbitrariedade do signo, em que se introduz a contribuição Pierciana fundante nos estudos jakobianos. A semiótica se

propõe, então, como um dos fatores para pensar o papel da língua, igualmente como é a porta de entrada para reflexões relativas à cultura e aos problemas sócio-culturais.

4. A questão da ideologia na linguagem: fator determinante para a formação da AD

Durante o fim dos anos 60 surge uma teoria que, motivada pelas condições de produção sócio-históricas da época e bebendo nos pressupostos marxistas, toma o discurso como objeto de análise. A partir desse novo terreno dos estudos discursivos, cunhado inicialmente por Michel Pêcheux, a quem é dado o estatuto de principal fundador, nasce uma noção de discurso (objeto teórico-analítico). A Análise do Discurso que desde o início de suas pesquisas, ampliou o olhar da língua como sistema para conceber a significação, já que foi um campo desenvolvido em “entremeios” de constantes diálogos estabelecidos entre psicanalistas, linguistas e filósofos marxistas.

Para pensar melhor acerca dessas questões referentes à significação, à semântica e à constituição dos sentidos na linguagem, Pêcheux também retomou o Saussure do CLG, tentando encontrar o que este último deixa em aberto, inconcluso e que merece ser avançado. Pêcheux, dessa forma, reconheceu que é na noção de valor saussuriano que se desenvolvem as questões da significação:

Ou seja, aquela que dá abertura, na obra de Saussure, à formulação da questão da língua, sem que o horizonte da *alíngua* seja imediatamente foracluído. O espaço do valor é o de um sistêmico capaz de subversão em que, no máximo, qualquer coisa pode ser representada por qualquer coisa. (PÊCHEUX, 2010, p.59).

Para Pêcheux, Saussure coloca em risco o primado do valor, não o avançando. Em *Língua, linguagem, discurso* (PÊCHEUX in ORLANDI, 2011), Pêcheux expõe dois equívocos que devem ser dissipados. Primeiramente, deve haver uma mudança de terreno para se pensar a dicotomia língua/fala. Este seria o começo para se pensar o discurso na linguagem, assim como as questões referentes à significação na e pela linguagem. Na teoria da Análise do Discurso, não há o reconhecimento do indivíduo empírico que fala na sua individualidade, ou seja, “esta mudança de terreno consiste em se desvencilhar da problemática subjetivista centrada no indivíduo” (PÊCHEUX in ORLANDI, 2011, p. 127) proposta por Saussure.

A língua, para Pêcheux, não nega a noção de língua como sistema de signos, mas compreende que ela proporciona espaço para o possível, o furo, o lapso e o equívoco ocorrerem na e pela língua. Lembrando que, perseguindo a noção de ideologia, Pêcheux começa a pensar sobre a linguagem. Logo, o papel da ideologia para a Análise de Discurso, tal como ela se constituiu na França, é extremamente determinante para se chegar a uma noção de significação na linguagem. A partir da ideologia constitutiva da linguagem, não há discurso que não seja ideológico, assim como não há ideologia sem sujeitos. Ou seja, noção de ideologia, tal como a teoria discursiva a concebe, não compreende o espírito dos povos. Ela é constituída a partir das lutas de classe, num processo histórico dialético e através da interpelação dos sujeitos, proposta por Althusser.

Neste ponto, não há como excluir o ideológico e o histórico nos estudos da linguagem, ou, mais especificamente, do discurso. O indivíduo é sempre interpelado ideologicamente, num processo em que a ideologia faz dos indivíduos sempre já sujeitos dentro da formação social em que está inserido. Em outras palavras, nesta concepção, o sujeito tem ilusões de realizar “escolhas” e construir sua história, escolhendo suas palavras e cerceando os seus sentidos, no entanto, elas são determinadas pela sua formação ideológica. É importante mencionar que é na subjetivação que o sujeito tem esta ilusão de exercício de livre escolha, além de sua crença de ser fonte de seus sentidos, dono das suas palavras e de seus dizeres. A partir disso, não há uma consciência de que as palavras somente possuem significado e sentido a partir de quem as fala.

Lembramos, assim, como afirmam Shons e Mittmann que:

Nunca é demais, lembrar que quando falamos em efeito ideológico estamos falando não de um engano, de um engodo, mas de ilusões necessárias. Logo, a ideologia é, em AD, o modo particular com que cada sujeito se relaciona com a linguagem e produz, para ele, o seu lugar no interior do complexo de formações ideológicas. (SHONS; MITTMANN, 2009, p.301).

Ou seja, é a partir da ideologia que os sujeitos são sujeitos. Por ser material, tal conceito para a teoria deve ser pensado a partir das formações ideológicas que determinam o que pode ou não ser dito por cada sujeito. Funda-se aí um modo particular de relacionar-se com linguagem, mas este gesto não é do indivíduo

saussuriano, que tem a fala como acessória e acidental. Em Pêcheux, este gesto se dá através do materialismo histórico que traz para a teoria linguística noções de relações sociais, lutas de classes e principalmente de um sujeito ideológico. É mais que uma disputa de palavras, como é afirmado nos ELG, a questão do valor linguístico é posta, então, em relação com a exterioridade na própria linguística. Por consequência, percebemos que esta disputa não se dá de maneira livre e que as palavras passam a significar de acordo com os sujeitos. A língua é a mesma, mas os sentidos podem sempre derivar, pois são expressos por sujeitos.

5. Efeitos de conclusão

Com este pequeno percurso, nos propomos observar, a partir do corpus saussuriano, a abertura para pensar a significação a partir das releituras Saussure, para depois reconhecer dois gestos particulares fundadores de teorias distintas que se tocam ao propor a exterioridade do sistema linguístico como algo não apenas individual. Sabemos que há muito para se desenvolver ainda, já que essas questões acerca da significação na linguagem, pelo que nos parecem, são inesgotáveis.

Tanto Pêcheux quanto Jakobson contrapõem-se ao formalismo Saussuriano, cada qual com seus enfoques metodológicos, condições de produção específicas e diálogos com outros teóricos. Percebemos, também, que o corte metodológico saussuriano tão contestado, além das dicotomias tais como *langue* e *parole*, que são refutadas por muitos linguistas, também foram repensadas por Pêcheux e Jakobson, os quais não negam a distinção realizada pela linguística entre língua e linguagem que, de certa forma, constitui um ponto de partida para pensá-la cientificamente.

Jakobson, em suas publicações, compreende o contexto constitutivo da exterioridade da linguagem, quando Pêcheux vai além, pensando em condições de produção discursivas. Neste ponto, ficam evidentes que a noção de cultura para a área da linguagem, proposta por Jakobson afasta-o de Pêcheux, que por sua vez, incorpora a noção de ideologia para o cerne de suas pesquisas. Jakobson, em suas imersões em círculos distintos e seus diálogos com outros teóricos da literatura, antropologia, biologia, entre outros, levou a risca as conclusões postas em Saussure acerca da necessidade da língua estar em contato com outras ciências para então ser tomada do ponto da significação, sem deixar de ser sistêmico. É perseguindo a língua como um

sistema semiótico que Jakobson incorpora a cultura como um conjunto de sistemas de códigos. Nestes pontos, acreditamos que Jakobson não avança tanto quanto Pêcheux, já que para nós a noção de ideologia constitutiva da linguagem torna-se fundamental para construção das relações entre os sujeitos e a língua e significação.

É fato que tanto Jakobson quanto Pêcheux percebem que o valor linguístico, de caráter negativo, funciona a partir de fatores independentes, como se apresenta nos ELG: “valor in absentia interno (procede do arbitrário interno do signo); 2. Valor in praesentia sistemático (procede da sintagmação do signo); 3. valor in praesentia (procede da sintagmação do signo)” (BOUQUET, 2009, p. 172). Este pensamento é posto em fracasso quando pensado na “positividade da comunicação” (PÊCHEUX, 2010, p.59), assim como define Pêcheux ao criticar Saussure. Portanto essa negatividade do valor, assim como as suas relações estabelecidas pelas diferenças, parece que é ameaçada quando não tomamos o inconsciente como constitutivo da linguagem, assim como o político e o ideológico. Fato que torna a língua uma materialidade viva a qual se (re)significa ao ser usada por diferentes sujeitos e em diferentes contextos sócio-históricos, com condições de produção específica, o que se certa forma coloca em xeque os esquemas de comunicação linear jakobianos, por exemplo.

Referências

ALTMAN, C. Sobre Mitos e História: a visão retrospectiva de Saussure nos três Cursos de Linguística Geral. In: **SAUSSURE: a invenção da Linguística**. José Luiz Fiorin; Valdir do Nascimento Flores; Leci Borges Barbisan. (Org.). São Paulo: Contexto, 2013, p. 21-32.

BOUQUET, S. De um pseudo-saussure aos textos saussurianos originais. In: **Letras e Letras** (Revista do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia). Volume 25. Número 1. jan./jun. 2009. Disponível em <http://www.letraseletras.ileel.ufu.br/>. Acesso 25 agosto 2014.

FIORIN, J. L.; FLORES, V. do N.; BARBISAN, Leci Borges. Por que ainda ler Saussure? In: FIORIN, José Luiz. **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Ed. Contexto, 2013.

JAKOBSON, R.; POMORSKA, K. **Diálogos**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

JAKOBSON, R. Ojeada al desarrollo de la semiologia. In: JAKOBSON, R. **The framework of language**. Mexico: Michigan, 1988.

PÊCHEUX, M. Dois Saussure? In: GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**. Campinas: Editora RG, 2010.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P.Orlando et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. (2011) Língua, “linguagem”, discurso. In: ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. **Escritos de lingüística geral** (Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler). São Paulo: Cultrix, 2004.

SCHNAIDERMAN, B. **Semiótica Russa**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

SHONS, C. R.; MITTMANN, Solange. **A contradição e a (re) produção/transformação na e pela ideologia**. São Carlos: Claraluz, 2009. Disponível em <http://issuu.com/prazeremler/docs/contemporaneidade>. Acesso em 20 de agosto 2014.